

Construção da Identidade nos caminhos da docência: Entre a valorização a invisibilidade da Educação das Relações Etnicorraciais.

Paulo Tiago Oliveira Alves 

Instituto Federal do Ceará, Boa Viagem, Ceará, Brasil

Cícera Nunes 

Universidade Regional do Cariri, Crato, Ceará, Brasil

Hailla Silva Barreto 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

1

Resumo

Esta pesquisa qualitativa tem por objetivo compreender como a construção de uma identidade étnico-racial influencia a identidade profissional docente e suas escolhas epistemológicas. O estudo utiliza a pesquisa narrativa autobiográfica, permitindo a reflexão do sujeito sobre si mesmo e o desenvolvimento de estratégias de emancipação. Partindo do conceito da “escrivência” permite que um professor negro narre sua trajetória, reivindicando seu lugar como autor de sua história. Descrevendo suas experiências, desde a educação básica, licenciatura e especialização e o impacto de não acessar estas discussões. Destaca essa necessidade de uma formação mais ampla. Onde é crucial o compromisso coletivo com o debate acerca da educação das relações etnicorraciais na formação docente. Concluímos que para a lei federal ser cumprida, sobre a história das contribuições dos diferentes grupos étnicos, na formação do povo brasileiro, depende da mobilização social e ampliação a base epistêmica, política e pedagógica, para a solidificação de uma educação antirracista.

Palavras-chave: Educação. Educação Antirracista. Formação de Professores.

Construction of Identity in teaching paths: Between the valorization and invisibility of the Education of Ethnic-Racial Relations.

Abstract

This qualitative research aims to understand how the construction of an ethnic-racial identity influences the teaching professional identity and their epistemological choices. The study uses autobiographical narrative research, allowing the subject to reflect on themselves and develop emancipation strategies. Starting from the concept of “writing” it allows a black teacher to narrate his trajectory, claiming his place as the author of his story. Describing their experiences, from basic education, degree and specialization and the impact of not accessing these discussions. It highlights the need for broader training. Where collective commitment to the debate about the education of ethnic-racial relations in teacher training is crucial. We conclude that for the federal law to be fulfilled, on the history of the contributions of different ethnic groups, in the formation of the Brazilian people, it depends on social mobilization and expansion of the epistemic, political and pedagogical basis, for the implementation of anti-racist education.

Keywords: Education. Anti-Racist Education. Teacher training.



1 Introdução

2

A compreensão de si mesmo, o processo de construção de uma identidade, tema muitas vezes não posto em debate para pessoas como eu, bem como por tantos outros sujeitos com características fenotípicas similares as minhas, um homem negro com trinta e cinco anos de idade, o qual cresceu em um contexto complexo. Sou filho de uma mulher negra, a qual enfrentou inúmeras dificuldades durante várias fases da vida, na busca de não permanecer no “lugar” social, esperado/ muitas vezes imposto para pessoas negras neste país. A qual conseguiu concluir um Curso de Graduação em Letras, estudando no período noturno, no final de década de oitenta, sendo a única aluna negra da turma. Assim sendo, após duras penas, seleções, concursos, tornou-se professora efetiva da educação básica de Juazeiro do Norte, sendo a primeira da família a conseguir tal feito. Para sustentar os três filhos, teve que conciliar dois expedientes de trabalho formal, além do trabalho doméstico cotidiano. Mas, mesmo diante de tudo isso, rotineiramente instigava, incentivava, para que eu e meus irmãos estudássemos, e repetia uma máxima da seguinte forma: “Estudem, estudem muito, estudando já é difícil, imagine se vocês não estudarem.”, demonstrando que tinha noção de qual destino se desenharia, caso não conseguíssemos alcançar no mínimo o terceiro grau.

Na minha trajetória escolar, referente à educação básica, estudando a maior parte desta etapa em escola pública, recordo-me de diversos momentos em que ao passar por algum tipo de violência, essas situações eram “relativizadas” pelos gestores escolares, ao utilizarem argumentos como: “*Ele só estava brincando com você...*”, ou quando a situação envolvia violência física não acreditavam na minha palavra ou ainda por vezes, vinha a ser taxado de violento por ter reagido as agressões sofridas.

Luana Tolentino (2018, p. 35) apresenta seu ponto de vista crítico acerca das práticas pedagógicas escolares:

A escola, enquanto componente de uma sociedade racista, sobremaneira reproduz e legitima as práticas discriminatórias, tornando por vezes a trajetória de alunos e alunas negras difícil e traumática. No espaço escolar, o preconceito e a discriminação racial se manifestam de diferentes modos: pelo silenciamento ou ocultação das assimetrias existentes entre brancos e negros no que tange a participação social; ao negar à população negra a condição de protagonistas na formação do Brasil; e também sendo conivente e omissa com atitudes que menosprezam os estudantes afro-brasileiros (TOLENTINO, 2018, p. 35).



Diante do exposto, já é chegado o momento para mudanças, professores, gestores e demais membros da comunidade escolar precisam compreender a importância de uma educação formal que reconheça e valorize outras culturas e identidades, como a cultura dos povos indígenas e dos afrodescendentes. É necessário enfatizar que não há supremacia étnico-racial, cada povo, cada cultura deu a sua contribuição para o alcance do nível de desenvolvimento em que hoje se encontra a humanidade. Fomentar a construção de um imaginário positivo sobre a população negra brasileira.

Como afirma Gomes (2019), com a convicção de que a identidade se constrói de maneira coletiva, por mais que se manifeste individualmente, essa dimensão da construção de uma identidade negra veio ser despertada em mim tardiamente, haja vista que compreender os processos de silenciamento, as razões da discriminação, reconhecer minha origem étnico-racial foi e continua sendo um processo fundamental para a minha formação, em várias dimensões.

Todavia, hoje compreendo por que demorei tanto a entender esses processos constitutivos, vivemos em um país que até pouco tempo era massivamente permeado pelo mito da democracia racial¹, conforme Munanga (2017); país este que nega a histórica e contribuição de povos como negros e indígenas, povos que ajudaram a “erguer” esta nação, inclusive com a força do seu trabalho. Foram mais de trezentos e cinquenta anos de exploração, e posteriormente, com o fim da escravidão, persistiram as péssimas condições de trabalho e de vida para a população de negros e pardos, enquanto outros grupos étnicos foram estimulados a imigrarem para o Brasil, com claras finalidades de “branqueamento” do nosso povo.

A partir de minhas experiências de vida, principalmente nos últimos três anos, pude então, como diria Souza (2021, p. 115) vivenciar o processo de tornar-me negro. Explico, ao meditar sobre a minha identidade etnicorracial, me reporto ao que segue ser negro não é uma condição a priori. No Brasil, ser negro é um processo de descoberta de si, é tornar-se negro. O “tornar-se negro”, enquanto construção individual e social se materializa na concretude de sujeitos sociais dotados de identidade, corporeidade e memória. Esses sujeitos ao se relacionarem com o mundo a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas que está inscrita no corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade.

¹ No Brasil, o racismo é implícito, de fato, e nunca institucionalizado ou oficializado com base em princípios racialistas de pureza de sangue, de superioridade ou de inferioridade raciais.

Refletindo sobre a história e a construção do ser negro no território cearense, Nunes (2007, p. 74), bem como os processos que tentam inviabilizar a nossa história, afirma:

Uma reflexão sobre a nossa história, sobre a construção da identidade do ser negro no território cearense, discurso quase ausente no âmbito da educação local. Os debates sobre a implementação da lei nº 10639/03 devem vir acompanhados da desconstrução de uma sociedade “morena”, que tem como estratégia política manter invisível a presença significativa de negras e negros. A disseminação dessas idéias tem sido responsável pela ausência de políticas públicas específicas voltadas para esta população.

Desde então, venho passando por esse processo de reconfiguração e reconhecimento da minha identidade étnico-racial, enquanto homem negro, não mais aceitando ser chamado de “moreno”, ao tomar consciência do processo ideológico que historicamente tentou “minimizar” a presença negra na cidade de Juazeiro do Norte, neste estado e nesse país. Ainda referenciando Souza (2021) ser negro é tomar posse de uma consciência que assegure o respeito às diferenças e que reafirme a dignidade inerente a todo o ser humano, aceitando-se como negro e negando toda forma de alienação que permeia o senso comum. Isso perpassa várias dimensões do meu ser, incluindo questões estéticas, pois durante muito tempo da minha vida usei o cabelo raspado, não apreciava a forma como meu cabelo crescia e por ele ser crespo, posteriormente, ao acessar os estudos sobre a educação das relações raciais, a partir de então passei a lidar de forma diferente com os traços da minha negritude. Hoje, além dos cabelos, uso barba, a qual, também não considerava bela, tudo isso, mesmo que não pareça é uma forma de retornar as minhas raízes, ter acesso mesmo que minimamente as minhas raízes étnicas, de forma que esta mudança tem me fortalecido, em diversas dimensões do meu ser, nas diversas “batalhas” cotidianas contra um sistema que é desigual racialmente. Gonzalez *apud* Tolentino (2019) apresentam um ponto de vista fundamental para refletirmos sobre estas questões:

Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma *Práxis* de conscientização da questão da discriminação racial neste país, via ser muito difícil o Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial. No lastro do todo das questões que estão colocadas, o que se percebe é que estamos num país em que as classes dominantes os donos do poder e os intelectuais a serviço dessas classes, efetivamente não abrem mão (GONZALEZ *apud* TOLENTINO, 2019, p. 78).

Destarte, Nunes, Santana e Franco (2021) nos lembram que é importante que os processos de formação docente sejam efetivamente priorizados, para que assim os professores

atuantes em escolas e universidades estejam atentos ao legado afrodiaspórico do passado, bem como do presente, às transformações vivenciadas nas sociedades contemporâneas e a toda a produção de conhecimento protagonizada por ativistas dos movimentos negros, assim como os pesquisadores comprometidos com essas pautas. Em síntese, o que se buscou nesta pesquisa foi compreender como o processo de construção de uma identidade etnicorracial influencia na identidade profissional docente e nas suas escolhas epistemológicas. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender a importância do desenvolvimento de uma identidade etnicorracial positiva, a partir de relatos autobiográficos.

2 Metodologia

O estudo se consolida como uma pesquisa no campo da Educação, inserida na área das Ciências Humanas, numa abordagem metodológica qualitativa, desenvolvida por intermédio da admissão da subjetividade da autoria investigativa e da explicitação da produção dos dados empíricos (LUDKE; CRUZ, 2005). o método foi desenvolvido em perspectiva qualitativa conforme historicamente vêm ocorrendo em pesquisas no campo da Educação, através da opção pela pesquisa narrativa autobiográfica, ao privilegiar a abordagem (auto)biográfica, coadunamos com Passegi e Souza (2010, p. 10) quando destacam que esta metodologia:

Uma aposta de caráter epistemopolítico, que coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica do sujeito, permitindo-lhe elaborar táticas de emancipação e empoderamento suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem.

Assim como, relacionamos com o conceito da escrevivência. Haja vista que narrar a trajetória de um professor-pesquisador negro, por meio da escrevivência possibilita evidenciar a autoria de um intelectual negro, como protagonista de sua história e capaz de narrá-la. Bem, Para Evaristo (2005), escrever é um modo de ferir o silêncio imposto, ao escrever-se “toma-se” o lugar da escrita como direito. Assim como se toma o lugar da vida. Surge assim, portanto, a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. Assim, é a própria história grupal ou comunitária que está contida na contação de uma trajetória pessoal. Segundo Barossi (2017) existe uma confluência inspiradora em Conceição Evaristo, cânone da literatura brasileira, pois, a ideia de “escrevivência” é uma narrativa originária e comprometida com as vidas das pessoas negras, suas ancestralidades e condições diaspóricas. Assim, é a própria

história comunitária está contida na contação de uma trajetória pessoal. Trazendo assim, a partir das narrativas (auto)biográficas de um professor pesquisador, suas percepções, reflexões.

3 Resultados e Discussões

6

Tendo como base o que vivenciei ao longo dos anos na educação básica, nos quatro anos do curso de licenciatura, somados aos dezoito meses no curso especialização em docência do ensino superior e não tendo nenhum tipo de discussão acerca da educação para as relações etnicorraciais, penso que é nítida, a importância que o processo de formação siga numa perspectiva ampliada, plural, combatendo a lógica escravista, preconceituosa e colonial, porquanto, sabemos como o pensamento educacional brasileiro foi e ainda é influenciado pelas bases de pensamento advindas da Europa e dos Estados Unidos da América. (PAIM, 2016).

Concordamos com Gomes (2011) por também considerar uma “situação de desequilíbrio” a discussão das questões étnico-raciais na formação inicial de professores. Via de regra, essas questões não têm ocupado um lugar relevante nos currículos e são por isso, secundarizadas, mesmo quando os projetos pedagógicos das licenciaturas passam por reformulações. Pois é necessário haver um comprometimento coletivo com esta importante questão. Pensar a formação de professores e professoras, incluindo a dimensão da origem étnica dos povos que compõem o nosso país. Questão a qual já deveria estar sendo cumprida desde 1988, pois de acordo com a constituição federal vigente, devemos ter um ensino voltado para as contribuições dos diferentes grupos étnicos que compõem o povo brasileiro em um dos seus artigos: “O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro.” (BRASIL, 1988, art. 242 § 1º). No entanto, para concretizar tal previsão legal, tem sido fulcral a permanente a mobilização social, em especial as contribuições do Movimento Negro na luta para que os direitos das pessoas negras se concretizem e que pautas como a questão das relações étnico-raciais sejam incluídas no contexto educacional (DEUS, 2019).

4 Considerações finais

Ao longo da minha trajetória de vida, durante bastante tempo, tive dificuldades de entender bem quem eu sou. Pois, por exemplo, no aspecto da identidade, em especial o



reconhecimento da minha identidade étnico-racial, ao longo dos anos, foi complexo compreender-me enquanto um homem negro, haja vista a influência do pensamento social brasileiro, as falácias da democracia racial, o projeto de embranquecimento citado anteriormente, ocorrido neste país. Bem como, não acessei os debates sobre esse assunto no seio da minha família, primeiro espaço de sociabilidade e educação, a falta também deste assunto na educação básica, a invisibilidade desta questão durante os quatro anos de graduação, mais o tempo decorrido na especialização *lato sensu*.

Diante do exposto ao longo deste trabalho, sabemos que historicamente, pessoas negras foram inviabilizadas, ocultadas na história oficial, minimizadas nas suas conquistas ou embranquecidas nas suas representações imagéticas. A questão de ser chamado de moreno, moreno da pele “clara”, moreninho, me colocava num não-lugar, num limbo identitário, pois, nem possuía consciência de que era um homem negro, nem tão pouco fui aceito entre as pessoas brancas, mesmo sem entender bem o porquê. A ideia de um povo brasileiro mestiço e/ou moreno, como aponta Cardoso (2008) visou abrandar os conflitos raciais, diluindo as desigualdades existentes com a criação de uma simulada igualdade na figura de um povo homogêneo e assim desautorizaria as perspectivas antirracistas de se fortalecerem.

Porém, esse projeto de branqueamento, ao longo dos últimos anos, está sendo confrontado por diversas frentes. Reconheço a importância de acessar o Programa de Mestrado em Educação da URCA, haja vista que, com o acúmulo de experiências e entendimentos sobre a educação das relações étnico-raciais, proporcionadas sobremaneira pelas duas disciplinas de pensamento negro, cursadas neste mestrado. Pelo comprometimento das professoras e professores envolvidos e dedicados neste processo, o quão valioso é que essa escola de pensamento negro e afrodescendência construída aqui no Ceará, guiadas pelo sábio professor Henrique Cunha Jr, em conjunto com a professora Cícera Nunes, desejo que o que aprendi possa chegar em outros espaços acadêmicos, que consigamos, coletivamente, através desta rede de pesquisadores, estudiosos, ativistas, amplificar a base epistêmica, política e pedagógica dos espaços de educacionais, tanto os formais, quanto os espaços não formais de educação. Aproximando os conhecimentos discutidos na academia, como também reconhecendo os saberes construídos pelos movimentos sociais, aqui em especial gostaria de destacar o movimento negro caririense, o qual, no decurso dos últimos vinte anos tem lutado e exigido o devido reconhecimento da população negra habitante deste território.

Referências

BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrevivência. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, p. 22-40, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%c3%a7ao.htm. Acesso em: 15 set. 2023.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). **Mulheres no Mundo: Etnia, Marginalidade e Diáspora**. João Pessoa: EDUFPB, 2005, p.201-212.

GOMES, N. L. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. In: FONSECA, M.V.; SILVA, C. M. N.; FERNANDES, A. B. **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p 39-60.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Giseli Barreto da. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de pesquisa**, v. 35, p. 81-109, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **As Ambiguidades do Racismo à Brasileira, O racismo e o Negro no Brasil, Questões Para a Psicanálise**. 2017.

NUNES, C.; SANTANA, J. C.; FRANCO, N. H. R. Epistemologias negras e educação: relações étnico-raciais na formação do(a) pedagogo(a). **Roteiro**, [S. l.], v. 46, p. e26314, 2021. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/26314>. Acesso em: 2 jul. 2021.

NUNES, Cicera. **O reisado em Juazeiro do Norte e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente: uma proposta para a implementação da Lei nº 10.639/03**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira. Fortaleza-CE, 2007.

PAIM, Elison. Para além das leis: o ensino de culturas e histórias africanas, afrodescendentes e indígenas como descolonização do ensino de História. In: MOLINA, Ana Heloísa; FERREIRA, Carlos Augusto Lima. **Entre textos e contextos: caminhos do ensino de história**. Curitiba: Editora CRV, 2016.

PASSEGGI, Maria Conceição da; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboços de suas configurações no campo educacional. **Investigación Cualitativa**, Madrid, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317673701_o_movimento_autobiografico_no_brasil_esboco_de_suas_configu-racoes_no_campo_educacional. Acesso em: 16 out. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.



TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

¹ **Paulo Tiago Oliveira Alves**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1290-7932>

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Link do Lattes <http://lattes.cnpq.br/7068987048606537>

E-mail: paulo.tiago@ifce.edu.br

Licenciado em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Especialista em Prática Docente do Ensino Superior pela FIP - Faculdade Integrada de Patos - Paraíba. Mestre em Educação através do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

² **Cícera Nunes**, ORCID:

Professora Adjunta vinculada ao Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8976938140345357>

E-mail: cicera.nunes@urca.br

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. É Mestre em Educação Brasileira também pela Universidade Federal do Ceará. Pedagoga e Especialista em Arte-Educação pela Universidade Regional do Cariri.

³**Hailla Silva Barreto**, ORCID:

Bacharelada Em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8955019460523797>

E-mail: hailla.barreto@academico.ufpb.br

Técnica em eletrotécnica pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE), bacharelada em Relações Internacionais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) fez parte de um projeto de pesquisa pelo IFCE na área de engenharia ambiental financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (PIBIC - JR)

